

ROBERT HARRIS

# Munique

TRADUÇÃO  
Braulio Tavares

ALFAGUARA



Copyright © Canal K 2017  
Mapa © Gemma Fowle 2017

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
Munich

*Capa*  
Glenn O'Neill

*Imagens de capa*  
Fundo e homens se cumprimentando: Ullsteinbild Dtl/Getty Images;  
Águia: Jürgen Wiesler/Getty Images

*Preparação*  
Rachel Rimas  
Fernanda Villa Nova

*Revisão*  
Clara Diamant  
Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Harris, Robert  
Munique/Robert Harris; tradução Bráulio Tavares.  
– 1ª ed. – Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

Título original: Munich.  
ISBN: 978-85-5652-063-0

1. Ficção histórica 2. Ficção inglesa 1. Título.

18-12787

CDD-823

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia  
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ  
Telefone: (21) 3993-7510  
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)  
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)  
[facebook.com/alfaguara.br](https://facebook.com/alfaguara.br)  
[instagram.com/editora\\_alfaguara](https://instagram.com/editora_alfaguara)  
[twitter.com/alfaguara\\_br](https://twitter.com/alfaguara_br)

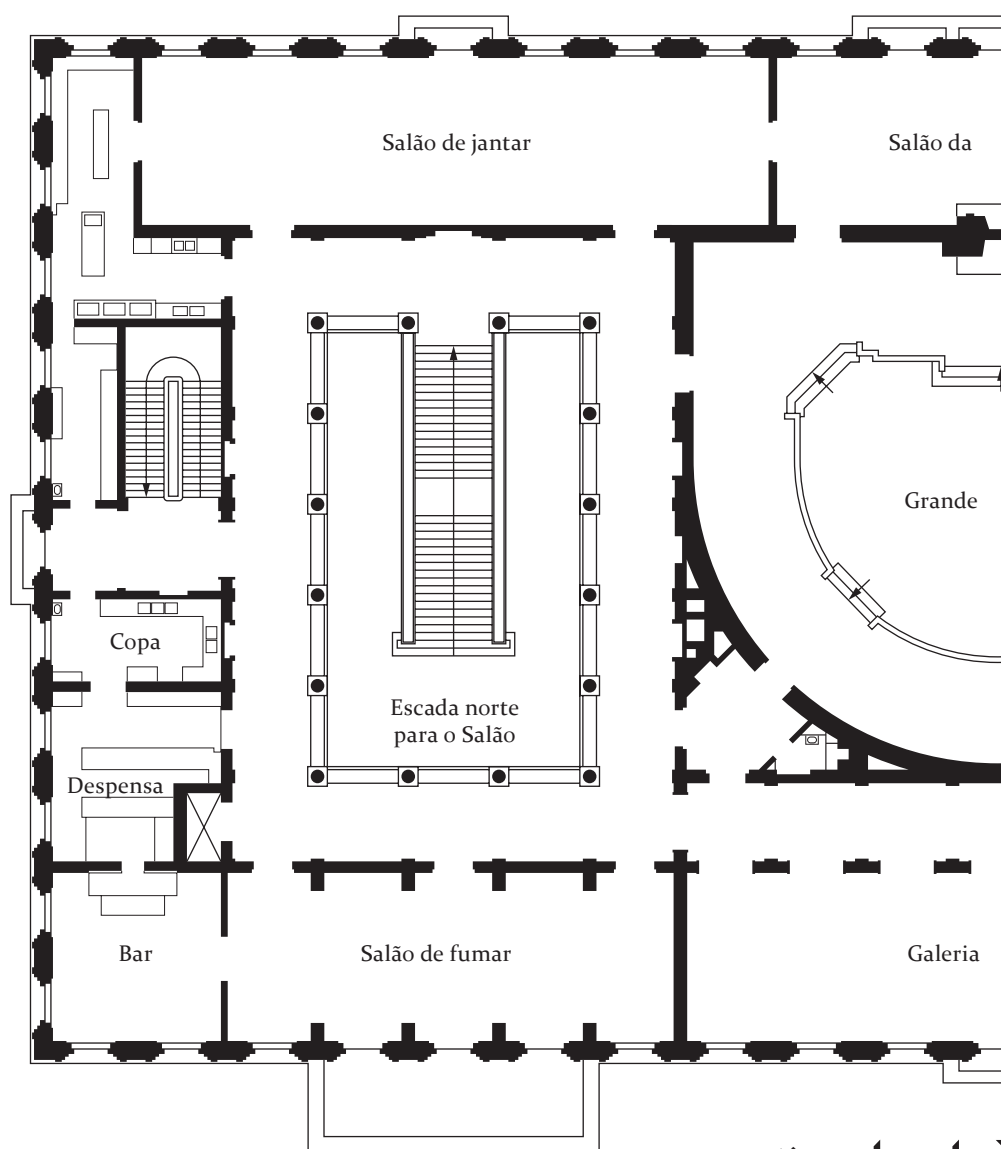
*para Matilda*

*Devemos ter sempre em mente que o que agora jaz  
no passado já esteve um dia no futuro.*

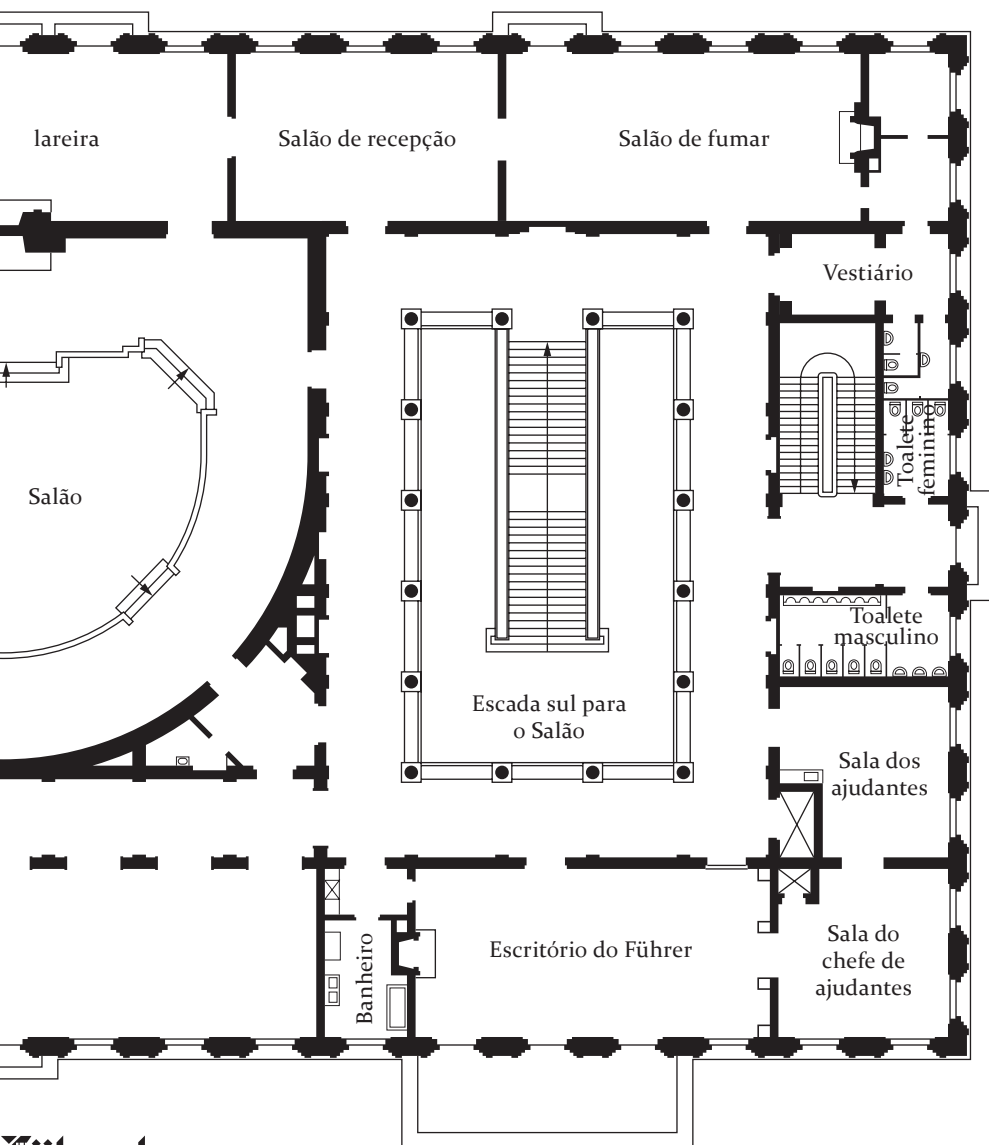
F. W. Maitland, historiador (1850-1906)

*Devíamos ter entrado em guerra em 1938...  
Setembro de 1938 teria sido a data mais favorável.*

Adolf Hitler, fevereiro de 1945



1º andar do 2º



Führerbau

## PRIMEIRO DIA

# 1

Pouco antes de uma da tarde de terça-feira, 27 de setembro de 1938, o sr. Hugh Legat, do Serviço Diplomático de Sua Majestade, foi conduzido à mesa ao lado de uma das janelas que se erguiam do chão ao teto do restaurante Ritz, em Londres. Pediu meia garrafa de um Dom Pérignon 1921 ao qual não poderia se dar ao luxo, dobrou o exemplar do *Times* na página dezessete e pela terceira vez começou a ler o discurso proferido na noite anterior por Adolf Hitler no Sportpalast de Berlim.

## O DISCURSO DE HERR HITLER

### A ÚLTIMA PALAVRA A PRAGA

#### PAZ OU GUERRA?

De vez em quando olhava pelo salão para vigiar a entrada. Talvez fosse sua imaginação, mas parecia que os fregueses, e até os garçons que iam e vinham no carpete entre as cadeiras de estofado rosa escuro, estavam excepcionalmente desanimados. Não se ouviam risadas. Em silêncio, do outro lado da espessa vidraça, quarenta ou cinquenta trabalhadores, alguns sem camisa no clima úmido, cavavam trincheiras no Green Park.

*Que o mundo inteiro não tenha dúvida de que, agora, não é um homem ou um líder quem fala, mas todo o povo alemão. Sei que neste instante todo o nosso povo, e me refiro a milhões, concorda com cada uma de minhas palavras (Heil!).*



Ele tinha ouvido o discurso pela BBC em tempo real. Metálico, implacável e ameaçador, autopiedoso e presunçoso, impressionante de uma maneira horrível, o discurso foi pontuado pelos golpes que Hitler desferia na tribuna e pelo rugido de quinze mil vozes gritando em apoio. O barulho era desumano, sobrenatural. Parecia brotar de um rio negro e subterrâneo e jorrar do alto-falante.

*Sou grato ao sr. Chamberlain por todos os esforços e lhe assegurei que o povo alemão não deseja outra coisa senão paz. Também lhe garanti, e volto a enfatizar, que, quando esse problema for resolvido, a Alemanha não terá mais questões territoriais na Europa.*

Legat pegou a caneta-tinteiro e sublinhou o trecho, depois fez o mesmo com um anterior, uma referência ao Acordo Naval Anglo-Germânico:

*Em termos morais, esse acordo só se justifica se ambas as nações se comprometerem solenemente a nunca mais entrar em guerra uma contra a outra. A Alemanha tem esse propósito. Esperamos que aqueles que tenham a mesma convicção possam prevalecer entre o povo britânico.*

Ele deixou o jornal de lado e consultou o relógio de bolso. Uma de suas peculiaridades era não carregar o tempo no pulso, como a maioria dos homens de sua idade, mas na ponta de uma corrente. Legat tinha apenas vinte e oito anos, mas parecia mais velho, com o rosto pálido, o jeito sério, o terno escuro. Havia quinze dias que fizera a reserva no restaurante, antes de a crise explodir. Agora sentia-se culpado. Daria a ela mais um tempo; e então teria que partir.

Depois de quinze minutos, vislumbrou seu reflexo em meio às flores, na parede de espelhos dourados. Estava na entrada do restaurante, praticamente na ponta dos pés, olhando ao redor com uma expressão vazia, o longo pescoço branco esticado e o queixo erguido. Ele a contemplou por instantes, como se fosse uma estranha, e se perguntou que diabos acharia dela se não fosse sua esposa. “Uma figura impactante”, era o tipo da coisa que as pessoas diziam. “Não exatamente linda.” “Não, mas bonita.” “Pamela é o que chamam *nascida em berço de ouro*.” “Sim, um berço de ouro e tanto — e totalmente acima do nível do pobre Hugh...” (Ouvira esta última frase em sua festa de noivado.) Ele ergueu a mão e se levantou. Ela finalmente o avistou, e então sorriu, acenou e foi em sua direção, infiltrando-se

com rapidez entre as mesas, de saia justa e casaquinho de seda sob medida. Deixou para trás um rastro de olhares em sua direção.

Ela lhe deu um beijo decidido. Estava levemente ofegante.

— Desculpe, desculpe, desculpe...

— Tudo bem. Acabei de chegar.

No último ano, aprendera a não perguntar onde a esposa havia estado. Além da bolsa, ela carregava uma pequena caixa de papelão, que pôs na mesa, começando a tirar a luva.

— Achei que tivéssemos combinado “nada de presentes”.

Ele ergueu a tampa. Um crânio preto de borracha, uma tromba de metal e as órbitas ocas de vidro de uma máscara de gás o encararam. Ele recuou.

— Levei as crianças para tirar as medidas. Ao que parece, tenho que colocar primeiro as delas. Isso vai testar a devoção materna, não acha? — Ela acendeu um cigarro. — Posso tomar alguma coisa? Estou morrendo de sede.

Ele acenou para o garçom.

— Só meia garrafa?

— Preciso trabalhar agora à tarde.

— Claro que precisa! Eu nem sabia se você ia aparecer.

— Não devia ter vindo, para dizer a verdade. Tentei ligar, mas você não estava em casa.

— Bem, agora já sabe onde estive. Uma explicação perfeitamente inocente. — Ela sorriu e se inclinou em sua direção; os dois brindaram. — Feliz aniversário, querido.

No parque, os trabalhadores ainda manejavam suas picaretas.

Sem nem olhar o menu, ela fez o pedido: filé de linguado e salada verde, sem entrada. Legat devolveu o menu e disse que queria o mesmo. Não conseguia pensar em comida, não conseguia tirar da cabeça a imagem dos filhos usando máscaras de gás. John tinha três anos, Diana, dois. Pensou em todas aquelas advertências para que não corresse tão depressa, se agasalhasse, não colocassem brinquedos ou lápis de cera na boca porque não sabiam onde tinham estado. Ele pôs a caixa sob a mesa e a empurrou com o pé para longe de sua vista.

— Eles ficaram muito assustados?  
— Que nada. Acharam que era tudo uma grande brincadeira.  
— Sabe, às vezes é exatamente isso que eu sinto. Mesmo tendo lido os telegramas, é difícil não pensar que é só uma piada de mau gosto. Uma semana atrás, tudo parecia estar resolvido. Então Hitler mudou de ideia.

— O que vai acontecer agora?  
— Quem pode saber? Talvez nada. — Ele sentiu que devia tentar parecer otimista. — Ainda estão conversando em Berlim, ou pelo menos estavam quando saí do escritório.

— E se interromperem as conversas, quando vai começar?  
Ele mostrou à esposa a manchete do *Times* e deu de ombros.  
— Amanhã, talvez.  
— Sério? Rápido assim?  
— Ele diz que vai cruzar a fronteira tcheca no sábado. Nossos analistas militares acreditam que levará três dias para posicionar os tanques e a artilharia. Isso significa que terá que dar início à mobilização amanhã. — Ele jogou o jornal na mesa e bebeu um pouco de champanhe; a bebida deixou um gosto ácido na boca. — Quer saber? Vamos mudar de assunto.

Do bolso do paletó ele tirou uma caixinha de joia.  
— Ah, Hugh!  
— Vai ficar enorme — advertiu ele.  
— Ah, mas é encantador! — Ela colocou o anel, ergueu a mão e a moveu de um lado para o outro sob a luz dos candelabros, fazendo a pedra azul reluzir. — Você é maravilhoso. Pensei que estivéssemos sem dinheiro para essas coisas.

— E estamos. Esse anel era da minha mãe.  
Ele tinha medo de que Pamela o considerasse mesquinho, mas, para sua surpresa, ela estendeu o braço na mesa e pôs a mão sobre a dele.

— Você é tão gentil.  
Sua pele estava fresca. Com o indicador, ela acariciou seu pulso.  
— Gostaria que fôssemos para um quarto — disse ele de repente — e passássemos a tarde na cama. Nada de Hitler. Nada de crianças.  
— Bem, e por que você não tenta arranjar um? Já estamos aqui. Quem vai nos impedir?

A esposa o encarou com os grandes olhos azul-acinzentados e ele viu, em uma revelação súbita e sufocante, que ela só disse aquilo porque sabia que jamais aconteceria.

Atrás dele, um homem pigarreou polidamente.

— Sr. Legat?

Pamela afastou a mão. Ele se virou e se deparou com o maître, sério e pomposo, as mãos unidas como em uma oração.

— Pois não?

— O número 10 de Downing Street o chama na linha, senhor.

Teve o cuidado de falar alto o bastante apenas para que as mesas mais próximas pudessem ouvir.

— Diabos! — Legat se levantou e jogou o guardanapo. — Você me dá licença? Tenho que atender.

— Eu sei. Vá até lá e salve o mundo. — A esposa o incentivou com um aceno. — Podemos almoçar outra hora.

Ela começou a guardar os pertences na bolsa.

— É só um minuto — disse ele, um tom de súplica na voz. — Precisamos conversar, de verdade.

— Vá.

Ele hesitou por um instante, sabendo que das mesas vizinhas outros clientes o observavam.

— Espere por mim — pediu, e seguiu o maître até o lobby, tentando não deixar transparecer sua preocupação.

— Achei que gostaria de um pouco de privacidade, senhor — disse o maître, abrindo a porta de um pequeno escritório.

O telefone estava sobre a mesa, fora do gancho.

— Obrigado.

Ele pegou o aparelho, mas só falou quando a porta se fechou.

— Legat.

— Sinto muito, Hugh. — Ele reconheceu a voz de Cecil Syers, um de seus colegas do escritório privado do primeiro-ministro. — Receio que você precise voltar imediatamente. As coisas estão prestes a ficar muito agitadas. Cleverly está perguntando por você.

— Aconteceu alguma coisa?

Houve uma hesitação do outro lado. Os secretários particulares haviam sido orientados a sempre considerar que a telefonista estaria escutando.

— Parece que a reunião terminou. Nosso homem pegou o voo de volta.

— Entendido. Estou a caminho.

Ele pôs o fone no gancho. Por um instante ficou paralisado. Era assim que a história acontecia? A Alemanha atacaria a Tchecoslováquia. A França declararia guerra à Alemanha. A Grã-Bretanha apoiaria a França. Seus filhos usariam máscaras de gás. Os clientes do Ritz abandonariam as mesas com toalhas de linho branco para se agachar em trincheiras escavadas no Green Park. Era muita informação para absorver.

Ele abriu a porta e se apressou pelo lobby de volta ao salão do restaurante, mas a eficiência da equipe do Ritz era tal que a mesa já estava limpa e vazia.

Em Piccadilly não havia táxi livre. Agitado, ele andava de um lado para o outro junto ao meio-fio, acenando em vão com o jornal enrolado para cada táxi que passava. Por fim, desistiu, dobrou a esquina para a St. James Street e começou a descer a ladeira. De vez em quando olhava ao redor com a esperança de que pudesse avistar a esposa. Aonde ela ia com tanta pressa? Se estivesse caminhando direto para casa, em Westminster, teria seguido naquela direção. Era melhor não pensar nisso; era sempre melhor não pensar nisso. Ele suava pelo calor fora de época. Por baixo do antiquado terno completo, com colete, podia sentir a camisa grudando às costas. Ainda assim, o céu estava nublado, ameaçando uma chuva que nunca vinha, e, ao longo da Pall Mall Street, atrás dos janelões do Royal Automobile, do Reform e do Athenaeum, os grandes clubes londrinos, candelabros reluziam com uma luz melancólica.

Ele só diminuiu o ritmo quando chegou ao topo da escadaria que levava do Carlton House Terrace para o St. James's Park. Ali encontrou a passagem bloqueada por um grupo silencioso de vinte pessoas que observavam o que parecia um pequeno dirigível erguendo-se lentamente por trás do Palácio de Westminster e passando pela torre do Big Ben, uma visão bela e estranha, majestosa e surreal. Ao longe pôde perceber mais meia dúzia no céu, ao sul do Tâmesa — pequenos torpedos prateados, alguns já a centenas de metros de altura.

— Acho que podemos dizer que o gato subiu no telhado — murmurou o homem a seu lado.

Legat olhou para ele. Lembrou que o pai havia usado exatamente a mesma expressão quando estava de licença em casa, durante a Grande Guerra. Ele teve que voltar para a França *porque o gato subiu no telhado*. O pequeno Hugh, com apenas seis anos, divertiu-se ao pensar na cena. Foi a última vez que o viu.

Ele abriu caminho entre os espectadores, desceu depressa os três lances de escada, cruzou o Mall e chegou à Horse Guards Road. Ali, no meio da extensão arenosa destinada aos desfiles, alguma coisa aconteceu durante a meia hora em que estivera longe. Havia dois canhões antiaéreos. E, como se a Luftwaffe pudesse aparecer a qualquer momento, soldados descarregavam sacos de areia de um caminhão-plataforma a todo vapor, passando-os de mão em mão ao longo de uma corrente humana. Um muro de sacos de areia ainda pela metade cercava um holofote. Um artilheiro girava furiosamente uma roda; um dos canhões se moveu e se elevou até ficar quase perpendicular ao chão.

Legat pegou um lenço branco de algodão e enxugou o rosto. Não se apresentaria vermelho e suado. Se havia um pecado que atraía olhares de censura no escritório privado era parecer descontrolado.

Subiu os degraus que conduziam à Downing Street, uma rua estreita, sombria, tingida de fuligem. Na calçada oposta ao número 10, um grupo de repórteres se virou ao escutar seus passos. Um fotógrafo ergueu a câmera, mas, ao ver que não era alguém importante, baixou-a. Legat acenou com a cabeça para o guarda na entrada, que deu uma batida firme na aldraba. A porta pareceu se abrir por conta própria. Legat entrou.

Fazia quatro meses que fora transferido do Foreign Office, o Ministério do Exterior britânico, para o número 10, mas sempre tinha a sensação de que entrava em um obsoleto clube de cavalheiros. O saguão de azulejos pretos e brancos, as paredes em vermelho-pompeia, a luminária cor de bronze, o relógio de pêndulo em seu suave tique-taque como se fossem as batidas de um coração, o suporte para guarda-chuva de ferro fundido com seu solitário guarda-chuva preto. Um telefone tocou a distância, nas profundezas do prédio. O

porteiro lhe deu boa-tarde e voltou para seu assento de couro e seu exemplar do *Evening Standard*.

No amplo corredor que levava aos fundos do edifício, Legat parou e se olhou no espelho. Ele ajeitou a gravata, passou as mãos no cabelo, endireitou os ombros e virou-se. À sua frente ficava a sala do Gabinete, a porta de madeira estava fechada. À esquerda, o escritório de Sir Horace Wilson, também fechado. À direita, o corredor que conduzia aos escritórios dos secretários particulares do primeiro-ministro. A casa em estilo georgiano tinha uma atmosfera de tranquilidade imperturbável.

A srta. Watson, com quem dividia o menor dos escritórios, estava curvada sobre a escrivaninha, exatamente como a deixara, sitiada entre pilhas de pastas, apenas o topo da cabeça grisalha à vista. Ela começara a carreira como datilógrafa quando Lloyd George foi primeiro-ministro. Diziam que ele perseguia as garotas de Downing Street, correndo atrás delas em volta da mesa do Gabinete. Era difícil imaginá-lo perseguindo a srta. Watson. Sua responsabilidade era preparar respostas para questões enviadas pelo Parlamento. Ela olhou para Legat por cima da barricada de documentos.

— Cleverly estava à sua procura.

— Ele está com o primeiro-ministro?

— Não, está na sala dele. O primeiro-ministro está na sala do Gabinete com os Três Grandes.

Legat emitiu um ruído que era uma mistura de suspiro e gemido. Avançou pelo corredor e enfiou a cabeça pela fresta da porta do escritório de Syers.

— Seja sincero, Cecil, estou em apuros?

Syers girou na cadeira. Era um homem de baixa estatura, sete anos mais velho do que Legat, com um bom humor constante, incontrolável e às vezes irritante. A gravata indicava que estudara na mesma faculdade que Legat.

— Acho que você escolheu o dia errado para um almoço romântico, meu velho. — Ele baixou a voz, compreensivo. — Espero que ela não tenha ficado chateada.

Uma vez, em um momento de fraqueza, Legat deixou transparecer a Syers seus problemas domésticos. Arrependeu-se para sempre.